

STACK
ANNEX

5

125

973

A

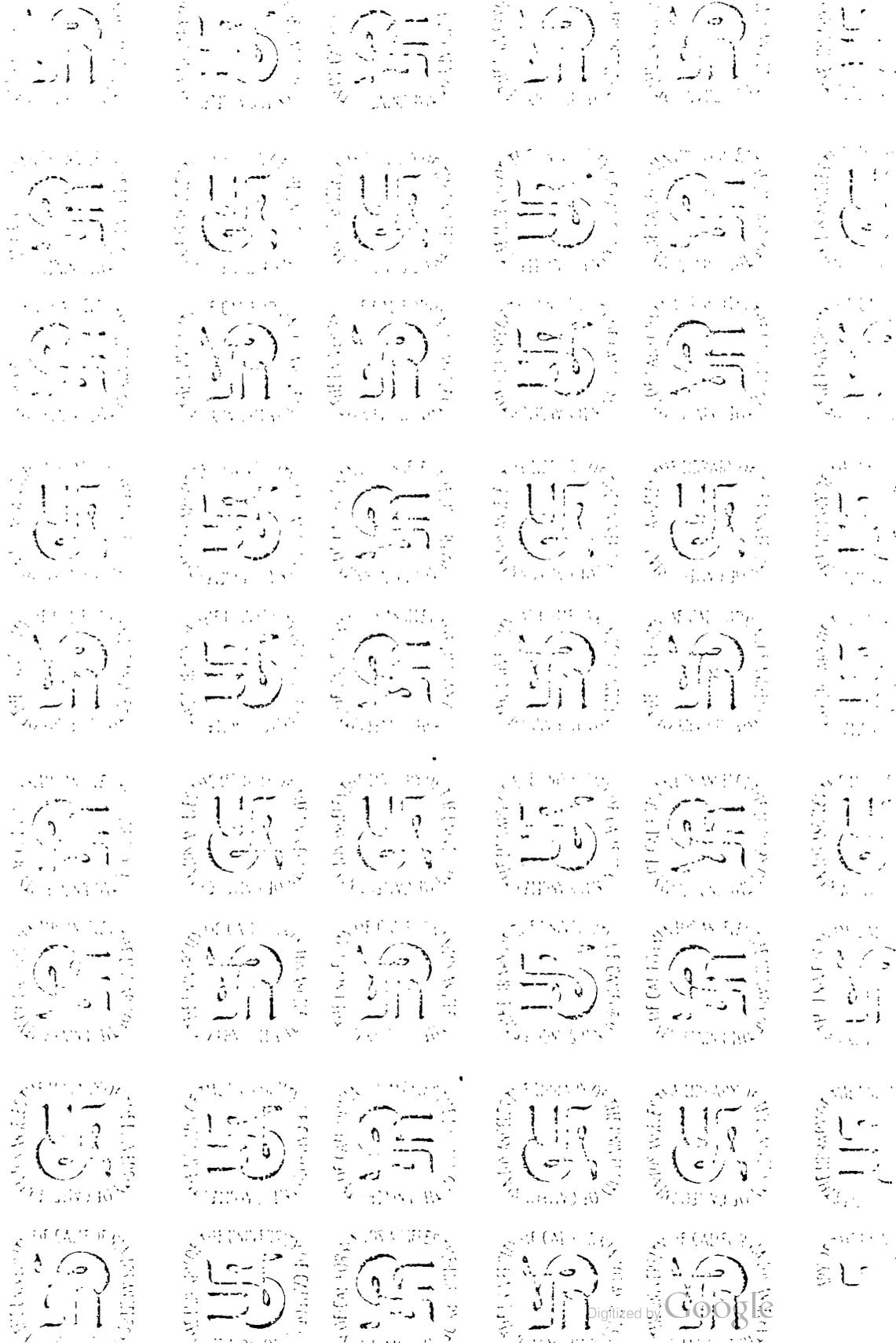
0000578989



UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY

9





*Attaque à la liberté de la presse, comme
un signal*

PERFIS

*de agudado
critico*

DA

COMEDIA LITTERARIA

*Amal
26/10/169*

TENTAMES CRITICOS

DE

J. A. DA GRAÇA BARRETO

Elle serve-se da sua obscuridade e despre-
occupação litteraria, para que este protesto não
seja um ressentimento, mas lhe dê direito a jul-
gar desassombradamente, com frieza e boa fé.

Theocracias litterarias, pag. 8.

15 pp

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

MDCCLXIX

1869

I

OS LIVROS DO SR. THEOPHILO BRAGA

CARTA A SUA SENHORIA

Ill.^{mo} sr. — Vi ha dias uma má critica de um poema, que não é melhor, mas que nem por isso merece ser tratado por aquella fórma. O facto de apontar um jornal para v. s.^a, como seu auctor, não vem para aqui a proposito. Não curo de saber que abençoadas mãos delinearam aquelle papel. Lembrou-me elle apenas que a decadencia é vergonhosa, e que um homem, que se ri do epitheto de 'litterato' atirado a um peralvilho encostado á hobreira de botequim, ou a um pseudo-esmiuçador de philosophias divertidas, pôde passar illeso, com a verdade nos labios, e com o seu nome ignorado, mas limpo do favor odiento das chancellarias litterarias. Hontem acabou-se o anno com o *Te Deum* official, que já agora não serve para agradecer favores recebidos, mas tão sómente para abençoar a mão de Deus, que põe ao lado da gangrena, que esphacela, a ignorancia petulante, com a sua condemnação e o seu escarmento, que é a fraqueza dos que não fecundam, por mais que os incite o trejeitar dos chocarreiros.

Estas são as primicias litterarias do anno que entra, e oxalá que o exame retrospectivo valha alguma cousa no animo dos que pensam que foram chamados a ajuizar de quanto lhes parece. Dê-me licença que o primeiro logar n'esta galeria critica lh'o conceda. É um homem de merecimento, que podia ser um homem muito notavel; e teria sua graça que eu deitasse a mão a um idiota, para lhe graduar o nome, pondo-o em letra redonda!

Tomo este cargo com receio pela minha fraqueza intellectual, mas convencido das minhas asserções, convencido e animado do dever, que impõe a verdade, de desilludir os que porventura menos justamente o apreciam. Consinta que eu, tres annos mais novo que o auctor das *Folhas verdes*, lhe diga francamente, e como é costume na minha idade, o que penso dos seus escriptos; e queira ver na completa ignorancia do publico a meu respeito um fiador da sinceridade da minha critica.

Antes de entrar em apreciações, permita-me v. s.^a que recorde aqui a sua reaparição na litteratura. E digo 'reaparição', sem ao menos querer fallar no seu primeiro trabalho, que nem elle vale isso, nem os que por esse tempo andavam correntes com estas cousas litterarias, deram fé que nas ilhas satsse v. s.^a a campo, guardado por uma introdução do seu amigo Supico.

A *Visão dos tempos* teve uma das mais esplendentes publicidades de que eu me lembro. Por duas qualidades de pessoas era elogiado o livro, por duas era



censurado; mais breve e mais explicito: era por seu turno sisuda e irrisoriamente applaudido, sarcástica e seriamente depreciado.

Applaudiam-n'o os que pressentiam n'aquellas paginas um talento mais que vulgar, ainda preso comtudo pelo fraco discernimento da idade, mas já arrojando-se precipite e irreflexivo n'uma carreira, em que a maior parte das vezes não se podia librar; e julgavam-n'o menos favoravelmente uns que se mordiam de inveja e por inveja fallavam. Applaudiam-n'o muito, muitissimo, exageradamente, e esses eram os que constituíam o grande numero, uns coitados, que teimavam em comprehender aquelle abstruso para arrotar altas philosophias, elles, os genios da sciencia *inspirada*, os profundos investigadores de quanto ha grande, e util e incomprehensivel, tão profundos, tão profundos, que até se esquecem que a nossa profunda ignorancia anda a suster os frouxos de riso com as torturas, que elles dão á grammatica!

Compreheende v. s.^a que n'este grupo abundariam de certo informadores de periodicos, bachareis, quero emfim dizer — uns escriptores tidos e havidos por bachareis. Faço esta individuação, porque são pessoas que estou no costume antigo de admirar. V. s.^a, na sua consciencia, e habituado como deve estar ao trato de alguns filhos illustres da universidade, cohecerá porque a esses eu admiro. Deus, que os mandou cá, imprimiu n'elles um não sei qué do seu poder, que motiva na minha humilde pessoa este assombro, como o originam tambem os cretinos e muitos animaes. Estas cousas não as sei eu explicar em realidade ao sr. Theophilo Braga.

Entre os que o aquilatavam com acerto, havia amigos muito familiares do Góthe, de Dante, de Soumet, de Klopstock, e que por serem tão amigos delles, e tão acerrimos entusiastas da *Messiadu* e da *Epopéa divina*, entendiam não deverem perder demasiado tempo com um volume, que, afóra o titulo, tinha apenas de notavel para os letrados uma ou outra estrophe, de longe em longe algum episodio; mas que tinha tudo de extraordinario para uma certa gente, que falla muito em livros, e a quasi todos conhece pela capa ou por tradição, tudo, tudo de extraordinario, inclusivê a palavra *exit* no fim de algumas scenas, palavra que, seja dito de passagem, creio copiou v. s.^a para dar uma certa re:peitabilidade mysteriosa aos seus poemas, um certo sabor germanico . . . e até francez, ou então para metter em provação a intelligencia de alguma das taes pessoas que eu admiro. Que pena que v. s.^a não se completasse; ali ao pé do *exit* como não diria bem o *dramatis personae*, a servir de cabeçalho aos interlocutores. Ha de convir commigo que era mais esplendido; lá pedante tambem era, mas emfim era esplendido . . .

Ora pois, os que o viam por aquelle prisma nem o amesquinhavam, nem lhe desconheciam o talento, que o tem v. s.^a e muitissimo; o que não assentiam era a que o sr. Braga *aos vinte annos sabia tudo*, que era Hugo, que os seus dois livros não cediam logo á *Lenda dos seculos*. Tudo isto se disse, muito se escreveu: sabe-o perfeitamente. O silencio da gente seria não o leve á conta de ninguem mais que á dos seus disparatados admiradores!

Isto assente, entre-se na apreciação da *Visão dos tempos* e das *Tempestades sonoras*.

A idéa de v. s.^a foi determinar as evoluções da poesia nas differentes idades, dando-nos differentes amostras de cada una dessas individuações. Foi um plano vastissimo, mas nem o satisfez, nem era crível que o pudesse fazer. Como reduzir em quadro tão exiguo as epopéas das gentes que foram, e as tempestades que lavraram fundo nos seculos preteritos? Não lhe está parecendo que só o titulo *Visão dos tempos* é mais grandioso que as proprias composições, quando n'ellas

não vem a traducção das lutas do coração e das decepções do espirito? Não abastará o titulo, por lato e muito lato, para as dimensões acanhadas da *Ave, stella!* ou da *Bacchante*, a ponto de se olvidarem os poemas, e permanecer o frontispicio?

Victor Hugo tentou uma empreza quasi analoga á sua. Quiz escrever o grande drama das commoções da humanidade, e não o conseguiu. Então criticos illustres saíram á estacada, e entre outros Barbey d'Aurévilly, insuspeito porque acreditára na morte litteraria do auctor das *Contemplações*, saúda-lhe a esplendida mocidade do seu espirito, mas não sem negar formalmente o desenvolvimento da idéa inicial, quando não a infere dos poemas, mas tem de acreditar-a pela leitura da introdução. A *Lenda dos seculos* é apenas para elle uma boa collecção de poesias. E no entanto, que intuição no caracter agigantado dos heroes! que profundeza na verdade de muitas epochas! que brillantismo na aza de oiro do genio da arte franceza, quando elle a roça pelos relevos phantasticos da cathedral gothica!

Alem disso, não direi para acimar, mas para architectal-o a um edificio destes, carece-se de um estudo e de uma tenacidade no querer, que mal comporta a sua idade. Se Göthe, para consubstanciar a idade media n'um individuo, depois dos trabalhos legendarios e dramaticos da Allemanha e da Inglaterra, ainda gastou a sua vida na composição do *Fausto*; como queria v. s., em tão verdes annos, comprehender e exprimir, não um personagem ou uma epocha, mas diferentes tempos e homens; não uma litteratura, mas variadissimas e até contrarias expressões do sentir humano?

Nos seus livros, que apenas constam de poesias soltas, não ha verdade, nem sequer verosimilhança nos protogonistas e nas individuações poeticas; ha pelo contrario anachronismos, imitações baixissimas, e estas pobres pela repetição continuada, fastidiosa repetição de versos e termos, ignorancias e ousadias sem nome!

E vou proval-o.

Para descrever uma epocha, necessita-se estudal-a nos seus livros e individuos. Não é necessario determo-nos muito para encontrar uma grande falta de observação nas obras do sr. Braga.

O sr. Camillo Castello Branco mettu o escalpello com arte em algumas múmias da sua vasta necropole; essas viu-as o olho de pratico distincto. Puxemos outros cadaveres para a mesa da disseccção: sejam o anjo da guarda de S. João Evangelista, Eurydêa, Nathalia e Jesus Christo.

Isto agora é um poema apocalypticico; e o discipulo amado é sceptico.

Atenção, que sobe o panno.

Um dia o mensageiro celestial tapa a cara, e encobre o 'resplendor heatico', para não incommodar os olhos do vidente, e assim vão andando, andando, um de cabeça escondida, outro de olhos esgazeados para o 'mysterio que seduz', ambos por veredas infinitas, até que estacam. É uma especie de passeio de sete mil leguas!

... Elle o seguio,
Andando por veredas infinitas,
Lá no extremo parou.

Parando, o luminoso espirito desata n'uma destampada reprehensão, a que

o santo tambem replica com sua arenga; trocam-se rasões de parte a parte, cousas de pôr espanto ainda ao mortal menos forte em estheticas: ha um

Talvez me negues com teu gesto ativo!

que é da gente morrer! Mas a final o anjo é boa pessoa, e mais apaziguado já nos seus furores, desfaz as caramunhas a S. João, e adoça-lhe a bôca com largas e abundantes promessas de futura prosperidade e alegria para o orbe, aonde o manda apregoar tudo isto 'sem detensa'.

Proclama esta verdade sem detensa:
Olha todo o porvir: Mulher e Cruz!
Solitario no mundo, adora e pensa!

O santo vê o *proprio* 'rosto banhar-se em alegria' (!), medita e tão largo medita, que adormece e depois morre. O panno desce vagarosamente.

Aqui bate o ponto, e como estamos no intervallo, diga-me, sr. Theophilo: que anjo é este, tão incongruente, tão imperfeito, tão pouco anjo, que ordena um impossivel a quem está ás portas da morte, como é a predica? que previsão é a desse espirito? que sciencia tem elle da vida eterna? Ora outra cousa, admitindo que o espirito não actua por sua alta recreação, mas que cumpre a vontade do Senhor, temos nem mais nem menos que o Creador ignorando o destino da sua creatura! É em verdade um chibante despauterio, que algum esmiudador diria encadernado em cinco versos chibantemente arredios á grammatica!

Agora é a vez de Eurydéa. Confesso-lhe que ao passo que vou folheando os seus livros, me cresce o assombro pela ingenuidade dos seus personagens. V. s.^a tem noticia da austeridade e recolhimento com que eram celebrados os mysterios christãos nas catacumbas? Sabe o rigor da disciplina nos primeiros seculos? Não de certo, e assás m'õ prova este seu poema *Céas de Nero*.

N'elle, o bispo Fidus, que vira o pagão Licinio lançar-se nos braços de Eurydéa no momento em que ella agradecia a communhão, dá ao romano, que mais tarde procura o consolo e a tranquillidade na idéa nova, como sua catechista, a propria Eurydéa, a que o não unira em matrimonio, por haver já votado a Deus a sua candura. Que santo homem, e experto, e prudente e digno de que os christãos, todos á uma, lhe confiassem as suas filhas, para elle as vigiar, era o tal Fidus!

Isto, que v. s.^a acha muito plausivel, e contra que se revolta o bom senso da mais gente, teve seus desenlaces devassos e caricatos. Perto do altar, sósinhos, praticando mais de amores que do ensino religioso, foi o bispo encontral-os, ao militar e á freira, cingidos estreitamente, e aos beijos 'loucos e soffregos' ... Tudo isto diz o sr. Theophilo que era

Como em joco de infancia e de innocencia

'esqueciam-se do céu, voando-lhes as almas no delirio do amor', a ponto de serem

... dois archanjos
Que amor confunde n'uma mesma essencia
Ante o solio do Altissimo.

Tresmina tudo isto de santidade!

Segue ás santidades uma simples pratica do antiste, em que vem a saber-se que o peccado é a porta que deita para a bemaventurança!

Tral-o ao nosso redil! ha-de o empyreo
No concerto das harpas ineffavéis
Cantar e desejar a tua culpa!

O padre continúa:

... Eurydéa,
Oh não chores assim, o céu perdoa.

Que tem de *perdoar* o céu, se o empyreo *canta e deseja*? Tem cousas o sr. Braga...

Outra pessoa: Nathalia. Deve ser como Eurydéa a virgem christã, modesta e recolhida. É porém como ella uma rapariga leve, apaixonada por Florus, que desconhece como diacono, mas de boas intenções. Todo o seu mal é na cabeça. Não a culpemos muito por isso, que v. s.^a é que merece censura. Parece que não póde ver com bons olhos a timidez das donzellas christãs! É mau sestro.

Quer idealisar a filha da Grecia na poetica da lei da graça, e esbanja-se n'uma d'estas:

Nathalia, alma ardentissima de Sapho!

Não disse eu? A qual das Saphos allude? Á poetisa ou á da lenda? Se é a primeira, que viveu ahí seiscentos annos antes de Christo, e morreu exilada na Sicilia pela sua conspiração contra Pittaco, não vejo semilhança entre a heroína rixosa e tumultuaria de Mytilene e a mulher regenerada pelo christianismo, a mulher forte da Escriptura, cuja heroicidade toda se encerra na pratica das virtudes, modesta e ás vezes quasi desconhecida!

Depois o sr. Theophilo Braga, apreciando a poesia christã, esboçada na *Rosa mystica*, escreveu:

'O christianismo veiu acordar na alma sentimentos novos que nenhuma religião antiga influíra... As virgens sentiam-se possuidas pelo amor do céu.'

Quaes são os caracteres predominantes das novas idéas? que entidade ha entre aquella expressão e a critica que v. s.^a expendeu?

Se é a outra Sapho, a amante de Phaon, a da lenda, a da patranha de Leucate, peor, sr. Braga. Não sabe que a lesbia de Eresos era uma cortesã?

Nas *Tempestades* chama a uma dryade *alma ardente de Sapho*; na introdução deste livro chama tambem a Santa Thereza *alma ardentissima* da mesma pessoa. Qual das tres tem a tal ardencia: Santa Thereza, a dryade ou Nathalia? Será o caso de terem todas a mesma molestia?

Somos chegados ao Supremo Auctor da nossa religião: Jesus Christo. Os que conhecemos o vulto grandioso do Filho de Deus da *Épopéa divina*, de Soumet; todos os que manuscámos em respeito e acatamento as paginas sacrosantas do Evangelho, fechemos o seu livro n'este sitio; ou antes abramol-o, para ter dó de v. s.^a; abramol-o, para rir das suas composições. Quem sabe se o escarnio é remedio efficaz alguma vez?

Ao Eterno desconhecendo o fim da sua obra, faltava para symetria o Nazareno renegando a sua missão:

Como Deus pode tanto a mãe que chora.

Mas em que parte está isto no Evangelho? em que acção da vida de Jesus pôde a verosimilhança legitimar aquelle dito? Na fuga para o templo? na resposta a Maria e aos parentes, quando procuram interrompê-lo na predica? Quando aos que o hão de seguir recommenda a abnegação propria, a da familia e a do mundo? Será em Matth., x, 37; xii, 48 a 50? Em Marc., iii, 33 a 35; x, 29 a 33? Em Luc., ii, 48 a 50; viii, 20 e 21; xii, 51 e 53; xiv, 26 e 27? Em Joan., iii, 6? Será ao menos n'alguma dessas tradições orientaes, em que a divindade da obra de Christo se personifica no esvoçar das pombas de argilla, amassada ás mãos da creança de Bethlem?

Mas para que te procuro eu n'outra parte, retalho de Michelet? Como tu és ignobil!

Se descermos da critica terrivel mas profunda do professor de Tubingue ás facecias de Renan e Peyrat, o vulto grandioso do Salvador irá diminuindo gradualmente; a meiga suavidade do seu rosto entristecido traduz só agora a immutação serena do idiotismo. Foi n'este charco limoso que a imaginação soffregou o typo informe. Só um idiota pergunta:

Pedes que mude a noite em linda aurora?
O pezar no enleio d'um sorriso?
O mundo no vergel d'um paraíso?

Ê ridicula esta galeria de titeres!

Logo o primeiro trabalho em que não encontro visos de similhaça é o seu primeiro poema, *A bacchante*. Aquillo não é de certo a 'antiguidade homérica'. Nunca vi nos poemas gregos os amores incestuosos de dois irmãos; e se os lá achasse, ainda assim não me dariam o característico de uma nação ou da sua poesia, como no seu livro. As aventuras de Amphinomo com esta causa, só m'as podia dar v. s.*; é inquestionavel que os 'beijos calidos' de Nais são pertença sua. Em compensação, a poesia romana, reflexo da grega, como o sr. confessa, dizia pela boca de Ovidio:

*Sic flammæ aditura piæ æternæ sacerdos
Surgit, et a caro fratre verenda soror.*

Sem nos determos a apreciar chronologicamente os seus poemas, até porque a ordem foi totalmente desconhecida na compilação, vejamos se o drama indiano tem tanto de indio, como o que passou tem de grego.

Estamos no paiz em que os povos adormecem na contemplação das tres entidades e nos aventureiros successos, produzidos pela metempsychose. E dir-se-lia comtudo que o sr. Braga se esqueceu da naturalidade dos seus personagens, se não nos obsequiasse com as 'fórmæ vaporosas da bayadera' (da *bailadeira*, queria v. s.* dizer). Afóra isto, que tem a *Perola de Ophir* de estudo religioso da India? que procurou nos *Vedas*? Onde está a creação do brahmane? do kchatriya? do vaisya? do sudro? a sua categoria? Onde reluz no seu poema o conhecimento da philosophia vedanta de Vyasa ou dos tres sankhya?

Agora, pelo lado litterario, os seus cantos nem dão a côr local. Será proprio o côro na entrada de Vamadheva em a côrte de Maghavan? Eil-o:

Quando a aurora desponta rutilante,
Recamada de aljofrês matutinos,
Por virações travessas ladeada,
Que adiante vão graciosas derramando
O perfume das pudibundas flores,
Para enfeitar-lhe a rapida passagem,
Não vem tão bella como a real esposa.

O canto segue ainda, mas anda sempre por este teor. Não se copie. Quanto a mim, a poesia indiana, em tal occasião, desatar-se-ia n'uma daquellas maviosas canções, em que ella desenha tão bem a vida, ora nas alegrias da felicidade, ora nos embates do desconsolo. Para confrontar com os seus versos, eu traduzo um canto de bailadeiras:

'N'uma palmeira vi duas pombinhas, que, embaladas pela brisa da tarde, se reflectiam nas aguas de um tanque de marmore! Nada ha na terra mais doce do que uns passados amores!

'E o abutre aferra de uma das pombas, ascende com ella, rasga-lhe o coração, e no mar a afoga: o abutre é o esquecimento! Nada ha na terra mais triste do que uns passados amores!

'Vi uma flor desabotoar-se ás lagrymas do orvalho; vi-a corar aos beijos do sol nascente, e depois estremecer de goso na haste! Nada ha mais terno do que os primeiros amores!

'Repara, meu bem, e vê-me com teus olhos humedecidos; folga o meu coração: é como o sol meu bem, coro só de olhal-o, estremeço só de ouvil-o! Nada ha na terra mais terno do que uns recentes amores!'

Comparou? Em conclusão: *Ignorancia completa das cousas da India!* Eis o que v. s.^a devia ter escripto no frontispicio do drama, para fallar verdade!

Na pastoral de *Semida*, em que se descrevem os amores do orphão de Naim com a filha de Jairo, não vejo cousa alguma que me indique que o livro santo foi consultado pelo sr. Theophilo. As duas resurreições tiveram logar por ordem de tempo muito differente, e com mui differentes circumstancias. Queira ver os Evangelhos—Luc., vii, 13 a 16, e viii, 49 a 56; Matth., ix, 23 a 26; Marc., v, 22 a 24, e 35 a 43. O filho da viuva foi o primeiro resuscitado, e não Cidlia. O salvador operou o milagre na occasião do enterro, e não immediatamente á morte. Tocou em o esquite, e mandou ao defunto que se levantasse; mas não diz o Evangelho que o beijasse na face, e o sentasse ao collo...

Isto a um rapaz casadoiro! Oh sr. Braga!

Feito o prodigio, parece que Jesus devia por força receber os agradecimentos de um povo admirado e enternecido. Pois não foi assim! Por mais que fizesse e basculhasse em alfarrabios, v. s.^a não foi capaz de encontrar uma palavra obsequiosa, nem sequer nos dois hebreus chamados á vida! Já foi ingratião! Sémida salta abaixo do collo de Christo, e vae a apertar-se doudamente Cidlia, que apparece 'radiante de candura', e... acaba-se a pastoral.

Ora é preciso que v. s.^a saiba que em Lisboa tambem se lê Klopstock; que os amores dos dois hebreus não foram estudados no *Testamento novo*, mas lidos no canto iv da *Messjada*; que o episodio purissimo do poeta allemão aviltou-se transportado para a farça biblica. Mas não seja eu, seja o consenso publico quem ajuize entre os dois personagens. É o Sémida do norte, que devaneia:

'Quantas vezes peço força a Deus para esquecer esta mulher celeste, que

eu devia esposar... Tudo de balde! Oh Cidlia! Ha uma vontade superior que me constringe a amar-te sempre! É uma voz lá de cima, eu creio-o pelo menos, ella é tão meiga! Emquanto acreditei que Deus te fadara para mim, que tu partilhavas tambem do meu affecto, que ineffavel goso enchia esta alma! Ao menos, idéa saudosa, embala-me outra vez... Não eras tu quem me fez respeitar a timidez da virtude e a gravidade do dever? Tu, quem dizia que a minima transgressão me rebaixava aos olhos della? E eu então, Cidlia, enlevado e sustido na tua candura, parecia-me melhor. Mas, ai! mal adormeceste na morte, conheci-me sósinho, sósinho e fraco para o bem. Pela tua virtude, pela felicidade tua, por quanto és formosa, e o que é mais sagrado ainda, por essa tua resurreição e eternidade, que te faz esplender entre as donzellas israelitas, semelhante a estrella mysteriosa sacudida para entre os astros serenos da via lactea pelo Senhor, diz, filha, se o teu coração se apartou do meu? A mim e a ti chamou o Messias á vida. Quem sabe para que fins estamos guardados... Ah... aparta-te de mim, pensamento insensato! Oh! que este amor, que eu sinto, é muito devorante, para que seja innocente... Não, Cidlia, eu não posso amar-te mais. Não é a miseria da terra; é essa vida, que não conhece termo, que eu quero para nós, para que me ensines depois a adoral-o em verdade, a quem creou tudo, ao que te creou a ti, anjo da minha vida!

Agora o manequim da pastoral de v. s.ª:

Se uma mulher um dia me dissesse
N'um extasis d'amor—sou toda tua!
Lançando-se em meus braços delirante,
Sem poder dizer mais, tremula, nua...

Oh, Frederico Gottlieb! Mal sabias, quando incarnavas os teus anccios por Margarida n'estes amores de formosura ideal, que antes de passado um seculo se atreveriam com elles! Mas a tua creação, oh vidente, nunca fulge tão viva, como á hora em que o profanador cae no raso da sua impotencia!

Dispense-me v. s.ª, que eu não continuo, poema a poema, n'esta investigação das suas faltas de verdade e estudo. Mas como deixaria de ser assim, se as tendencias dos seus heroes são sempre as mesmas, na Turquia ou em Roma, na Grecia ou na India? Se até as expressões são quasi identicas?

Ha sempre uma causa, que impossibilita o realizar a paixão aos seus personagens. Estorvos sempre ao coração! Na *Bacchante* (antiguidade homeric), pelo ferimento de Amphinomo; nas *Céas de Nero* (rosa mystica), porque Eurydêa é freira ou recolhida; no *Sémida* (pastoral biblica), pelo voto de Cidlia; no *Baptismo de fogo* (que poesia?), porque Florus é padre; na *Odalisca* (idem), porque o amante é eunucho. Nem menos de tres casos em que a religião é obstaculo. Quando um pôde amar, o outro nunca traz o coração em disponibilidade! É um subterfugio, que revela bem a sua faculdade inventiva.

Agora as imitações repetidas nos differentes generos:
Nas *Céas de Nero*:

... Era a ondina do nevociro,
Era a fada que scisma divagando.

No *Sémida*:

Louca, louca, a dansar delirante,
Como a sylphide acria a scismar!

Na *Harpa de Israel*:

Deixava n'alma triste indizível saudade!

Na *Rosa mystica*:

Sentiu n'alma bem fundas saudades

Na *Harpa de Israel*:

Oh pomba da arca solta

Nas *Céas de Nero* (As horas do agape):

Eurydêa, és a pomba solta da arca.

Ainda lá (Flos martyrum):

Vieste branca pomba
No tenue manto envolta,
Como paira sobre arvore que tomba
A pomba da arca solta.

Ainda n'este canto:

A receber a pomba foragida,
Que volta á arca do Senhor com o ramo.

No *Sémida*:

Rasos d'agua seus olhos dilata,
Pelos campos e sitios d'amor!

No *Baptismo de fogo*:

Estende ao longe os olhos rasos d'agua
Pela estensão dos mares...

Na *Harpa de Israel* (Ave, stella!):

E quiz, que fosse o tumulo o meu berço!

No *Baptismo de fogo*:

Oh, antes fosse o tumulo o meu berço!

Na *Rosa mystica* (Savonarola):

E nos labios dizia-lhe um sorriso:
Contigo hoje serei no paraiso!

Nas *Céas de Nero* (As horas do agape):

Jesus lhes dizia n'um almo sorriso:
—Commigo vinde ambos hoje ao paraíso.

Na pastoral biblica *Sémida*:

Assim, ao quieto lago sobranceira,
A palma adorna o magico oasis:
E ao vento cresce e vive outra palmeira
Que os mysterios d'amor ao vento diz!

No drama indiano *Perola de Ophir*:

Duas palmeiras quando estão distantes,
Remota viração da soledade
Leva a doce mensagem, são amantes.

Mas isto pouco é. Não tem v. s.^a a consciencia de que abundam nos dois volumes outras ridicularias assim? Não direi já a comparação do collar de perolas, notada pelo sr. Camillo Castello Branco, mas as allusões ao estalar das cordas da harpa, etc.? E já que fallei em harpa, sempre quero aconselhar a v. s.^a, que dispoz a eolica por toda a parte, entre os hebreus e nos indios, para a outra vez não errar tão crassamente. Olhe que a harpa eolica ou meteorologica é apenas invenção allemã de 1600.

Deixe dizer-lhe mais uma cousa, que lá em anachronismos é v. s.^a bem forte. Não é crível que a esposa de Jairo fallasse na 'sylphide aerea a scismar'; nem que os habitantes de Naim conversassem de Ero e Psyche...

Chego á accusação peor que se póde fazer. E faço-a desassombrado. As anteriores diziam respeito apenas a erros grosseiros; esta agora vae alem. Condemna o seu desprezo para com o publico portuguez, com o esquecimento do publico á pessoa de v. s.^a E que mais póde querer o homem, que assentou já consigo fallava a um bando de ineptos, que lhe tomariam como pastoraes biblicas as suas poesias do *Instituto*? Aqui temos as provas, sr. Theophilo Braga. São as *Tempestades sonoras*, pag. 114 a 119; é o *Instituto de Coimbra*, vol. XI, pag. 66. Vejamos:

TEMPESTADES SONORAS

INSTITUTO DE COIMBRA

*Arriua de Naim chora ao ver morta a amante
de seu filho; ouve-se distante a canção d'um
peregrino que volta á patria.*

A volta

A voz, distante:

Eis meu lar solitario na encosta!

A VIUVA, *avistando o filho*:

Lá parou! melancholico o fita...
Sobre o monte Moyscs não medita
Vendo a terra que aponta o Senhor?
Para, olhando o seu tecto dezerto,
Mas de jubilo o pranto desata,
Mas de agoa seus olhos dilata
Pelos campos e sitios d'amor!

.....

«Eis meu lar solitario na encosta!»
E parou, melancholico o fita,
Tal Moyscs sobre o monte medita,
Vendo a terra que aponta o Senhor!
Para... olhando o seu tecto dezerto,
Mas de jubilo o pranto desata,
Rasos d'agua os seus olhos dilata
Pelos campos e sitios de amor:

SEMIDA, de mais perto:

Foram estes os sitios queridos!
 N'esta selva de muda espessura
 Confidente inda a brisa murmura,
 Foi á luz de um tão meigo luar!
 Ella disse: «Talvez que na volta...
 (Se me lembro! fatal despedida.)
 •Como a dhalia sobre a haste pendida,
 •No sepulchro me venhas achar!»

•Foram estes os sitios queridos,
 •N'esta selva de muda espessura
 •Confidente inda a brisa murmura,
 •Foi á luz d'un tão meigo luar!
 •Ella disse: talvez que na volta
 •(Se me lembro! fatal despedida.)
 •Como a dhalia sobre a haste pendida
 •No sepulchro me venhas achar!

Só transcrevi um pedaço, para não demorar mais a conclusão do opusculo. Por via de regra, estas cousas devem-se só acreditar vistas nos originaes, e o leitor conhece-os já. Tanto custa a crer que assim se zombe do caracter portuguez! Tanto não é com a execração que se castiga este crime, quando o perpetrador acha o correctivo no remorso pungente da propria consciencia!

No decurso da leitura d'esta carta, talvez haja parecido a v. s.^a que algum sentimento menos nobre me fez pegar na penna, sobre tudo quando eu não cito com louvor, nem sequer um episodio. Eu alludi já a paginas, que poderia elogiar com lealdade e enthusiasmo; mas se eu fizesse mais que isto, viria apenas repetir ao publico o que a critica portugueza assentou ha cinco annos.

Posteriormente, eu entrarei, ainda n'esta collecção, e talvez cedo, no exame de outras obras do sr. Theophilo Braga. Ahi, como a imprensa se occupou menos dellas, encontrará v. s.^a ao lado da investigação severa, quanto em mim caiba, uma consagração bem attenciosa.

Ha tres annos travou-se em Portugal uma questão litteraria, acaso proveitosa se fosse guiada com mais acerto, mas que circumscripta quasi sempre de parte a parte, não a idéas, mas a uma phraseologia mais ou menos insultante, assignalou de um modo notavel a insufficiencia de duas litteraturas, invejosa uma, invejada outra, ou antes invejadas e invejosas cada uma da sua rival!

Seria um riso acreditar que v. s.^a andasse arregimentado determinadamente n'algum dos grupos, que terçavam então.

No emtanto salu a campo, e eu aproveito o ensejo, porque elle dá-me a sua feição critica.

As diversas tendencias, em que se tem manifestado a nossa litteratura ha um tempo para cá, fazem-me lembrar os medicos e a sua arte, depois da boa epocha de Octavianno Augusto.

Adormecido o cesar no tumulo e com elle o beneplacito e a protecção á sciencia, ficou em seu logar o empirismo, que tripudiava por entre o desprezo publico, e ria-se desdenhoso da injuria cuspada no servo insultado de *medico*; que corrompia quasi a Archigenes, e triumphava por assim dizer de Galeno; e que mais tarde vinha transmutar-se n'outra praga não menos temivel, a theosophia. Então foi o tempo das parodias ridiculas ao christianismo, o tempo dos milagreiros da sciencia, dos curandeiros de talismans; então surdiu o grande idealista Apollonio de Thyane, e com elle a comitiva toda de Apollonios possiveis e imaginaveis.

Ha ainda poucos annos eram tão diminutos os homens que andavam a braços com honra na lide do escrever, que os mais necessitados de leitura quasi lhes desconheciam o nome. Liam é verdade, mas alem do mau que se lhes ministrava, era tudo tão estranho na essencia e na fórma, na acção e na palavra tão estranho, que por pouco diriamos o mais humilde aldeão sabia mais presto

aonde o bosque de Bolonha e o parque de S. Cloud, que o campo a tres milhas do seu, e que o paçal do seu abbade. E sabia-o, como entendia melhor dos figurinos impudentes de Sue ou dos fanfarrões de Dumas, que das tradições da sua familia e das tradições poeticas do seu paiz; e sabia-o com o amaneirado francez das suas novellas, e na profunda erudição de quem pensa que a *Mão do finado* foi escripta pelo auctor dos *Tres mosqueteiros*.

Tiravam-se dois desproveitos ao pegar n'estes livros: corrupção moral e de linguagem. Combateram-n'os alguns homens sisudos, e pouco terreno se ganhou; que a lucta ainda abi se trava todos os dias, que ainda ha quem se interesse na desintelligencia publica, quem especule á nossa ignorancia com a alheia, quem lhe venda caro as suas brochuras ridiculas; que finalmente, seja dito para nossa vergonha, vae ainda apertão no populacho, que se extasia e applaude com os manequins do totilimundi francez!

Depois que bonançou mais esta tempestade, appareceu nova qualidade de litteratos. Successores dos romanceiros gallicistas, porém mais distinguidos que elles, estes senhores condimentavam os seus periodos, iscados já de muito adubo da estranja, com uns termos, cuja impropriedade lamentavam os estudiosos, e que aos menos lidos nem se esclareciam com o sentido da oração.

Estava-se em ultraclassicismo.

Iam aos dictionarios, tomavam quanta phrase obsoleta por lá se encontrava, e depois era vel-os a enxamear as suas paginas com os taes palavrões, como o capellista poria o dicke na envidraçada. Com isto os empiricos das letras, os enxalmos da inspiração palavrosa requeriam a celebridade e o applauso!

N'este ponto estavam as cousas, quando se começou a fallar de uma *nova escola* em Coimbra. Completou ella emfim o trio pestifero, que nos assolava. Era justo, que depois de havermos soffrido dois males tão graves, se depurassem a virtude e a razão n'esta contrariedade, mais temivel e mais promovedora de impaciencias, que se chama a escola idealista, inquestionavelmente a nossa theosophia, escola para que seus auctores reclamam tambem a attenção do porvir, e para que elle tem em resposta o olvido.

Um dia teimou-se em Coimbra que só ali se conhecia a esthetica e a philosophia, e que o genero humano era um ignorante d'estas duas cousas; teimou-se ainda que o sr. Castilho sabia apenas traduzir, e isto porque o auctor original havia tido o trabalho de pensar por elle!

Eu não venho de novo levantar questão, e a asserção ultima hei de apreciar-a mais tarde n'um estudo, que trago começado sobre a poesia de Roma, e n'outro que me proponho escrever sobre o theatro de Molière.

Publicaram-se então as *Theocracias litterarias*, sacrilegio sem perdão, quando não se penitenciaia em publico.

Eu discordo em muitas cousas das idéas do sr. Castilho, nem sempre me tem parecido justas as suas apreciações: ou defeito de intelligencia, ou força de sympathia para outra parte, caso é que sou assim, e nem jurei nunca pela palavra de nenhum mestre; mas d'aqui, da opposição franca e convicta, que não dispensa o respeito, e que eu não teria duvida de apresentar a elle proprio, se fosse preciso, d'aqui, até á injuria da offensa pessoal e do defeito physico, que differença, sr. Theophilo Braga!

V. s.^a sentou-se em cathedra, e dignou-se pôr olhos de misericordia em quantos escrevem no paiz, quer dizer nos polynesios d'esta nova Sandwich!

Foi uma enxurrada de explicações!

E nós lamentavamos a sua ingenuidade... Se não nos aquecíamos ao novo sol! se conhecíamos a esthetica, antes de lermos Hamilton! se ainda hoje comprehendemos que é de ouropel o brilho da maior parte das suas composições!

Se acreditavamos que a ignorancia faz praça por entre a turba dos boquiabertos! que para estes substitue a sciencia pelo falso luzimento de nomes vãos! que este campar de alta phraseologia philosophica traduz-se quasi sempre em pedantismo! que a mania de andar por assim dizer a objectivar e a subjectivar tudo não engana a todos!

Se v. s.^a abrir algures o *Segundo Fausto*, encontrará esta bravata, que o genio de Weimar põe na boca de um bacharel allemão:

‘Missão abençoada da mocidade, não existia o mundo antes de o haver eu creado; fui eu, fui eu, que fiz raiar o sol no oriente; commigo o orbe conheceu o seu curso; aclarou-se o dia á minha passagem; verdejou a terra, re florindo em mais gentil primavera! A meu aceno, a primeira noite alumiu-se do esplendor de seus astros; e quem, a não ser eu, esmagou o preconceito, e vos libertou pela sciencia? Caminho contente na contemplação do mundo interno, e na embriaguez do triumpho, vejo preceder-me a gloria, e seguirem-me as trevas!’

A arrogancia de v. s.^a não ficava muito áquem d’isto.

Fecho esta carta com a segurança de um homem, que tem a consciencia do que diz, e a franqueza de pôr o seu nome por baixo do que escreve.

Lisboa, 1 de janeiro de 1869.

Sou de v. s.^a muito attento venerador

J. A. da Graça Barreto.

Preço 120 réis



STATE UNIVERSITY

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



A 000 057 898 9



